PÁTRIA E CORAÇÃO

CARTAS PATRIÓTICAS

De MARIA FEIO

AO SENHOR GENERAL CARMONA
CHEFE DO ESTADO DE PORTUGAL
E
AO EXÉRCITO PORTUGUÊS

AS ARMAS DOS EXÉRCITOS
E
AS ARMAS DO CRISTIANISMO

BARCELOS DE SANTA CRUZ
E LEIRIA DA FLOR DE LIS

B)
21.134.3-6Feio,Mar
FEI

CARTAS PATRIÓTICAS

DE MARINA VITO

AO SENHOR GENERAL CARMONA

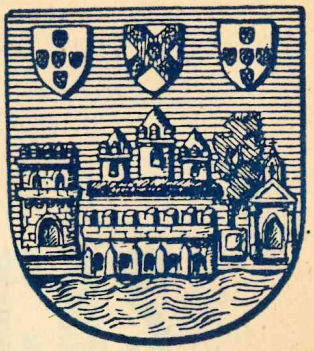
AO EXMO. SR. PORTUGUEZA

AS ARMAS, QUE EXPRIMEM

AS ARMAS DO CRISTIANISMO

LEIRIA

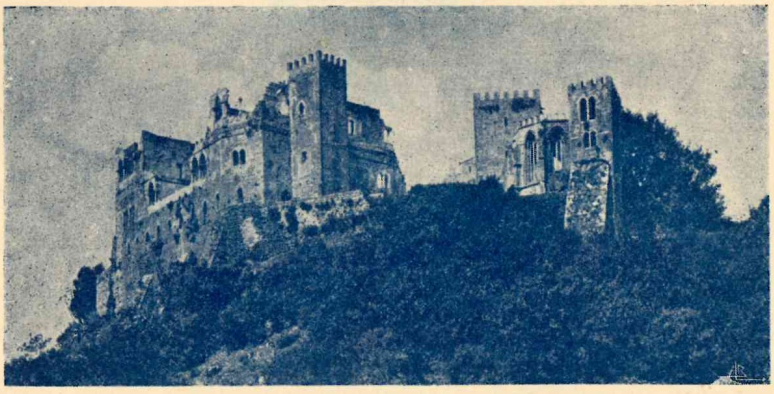
LEIRIA
:: E ::
BARCELOS



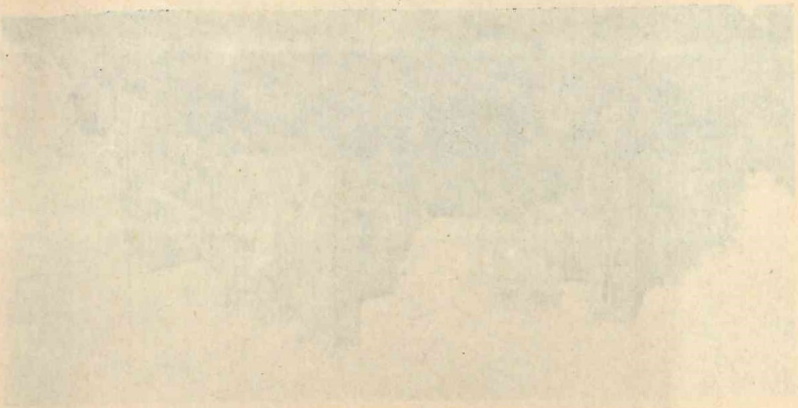
BARCELOS

ESCOLHIDAS PELA MÃO DE DEUS
PARA
SÍMBOLOS DE AMOR E CONCÓRDIA

ENLAÇADAS PELA
CRUZ DO REDENTOR



CASTELO DE LEIRIA



BARCELOS

::

E

::

LEIRIA

PÁTRIA E CORAÇÃO

CARTAS PATRIÓTICAS

De MARIA FEIO

AO SENHOR GENERAL CARMONA
CHEFE DO ESTADO DE PORTUGAL
E
AO EXÉRCITO PORTUGUÊS

AS ARMAS DOS EXÉRCITOS
E
AS ARMAS DO CRISTIANISMO

Barcelliana
C. M.
BARCELOS
BIBLIOTECA
Ms. 2930

BARCELOS DA SANTA CRUZ
E LEIRIA DA FLOR DE LIS

CARTAS PATRIOTICAS

D. MARIA PEIO

PATRIA E CORAÇÃO

PALAVRAS DO CORAÇÃO

AO

EX.MO SENHOR GENERAL CARMONA

ILUSTRE CHEFE DE ESTADO DA NAÇÃO PORTUGUESA

Num supremo arranco de alma inspirado pelo sentimento do meu coração abrasado na chama ardente do Patriotismo, que tem por égide o Cristianismo, ousa êsse ardor, sedento de Luz, iniciar a publicação de uma série de opúsculos, que tocarão todos os pontos dos problemas sociais e especialmente nacionais. Inicia-os esta mensagem dirigida a V. Ex.ª num sagrado propósito de fazer chegar à raiz de seu humanitário coração as vozes de um dolorido e sensível coração de mulher alumiado pela Luz que irradia do símbolo da Dôr, tendo por timbre divino a Cruz de Cristo, erguida no Gólgota em holocausto ao Amor. E como se a Providência quisesse que êste propósito cristão se iniciasse, em verdade, tendo por Egide esperançosa o santo sinal da Cruz, que a mão de Deus traçou ante a visionária heroicidade e ousada Fé patriótica de Afonso de Albuquerque, em prenúncio de Vitórias, foi esta primeira carta começada em Barcelos, a terra predestinada das Cruzes, o berço florido de tantos milagres de Fé e nobreza, de heroismos e virtudes cristãs.

Todo o texto da primeira carta e que se segue a êste prefácio, acrescentado meses depois em Leiria, foi escrito nessa terra da Santa Cruz e dos milagres que desde épocas remotas a assinalaram, pelas revelações de uma predestinação de que fez seu exaltado panegírico um célebre teólogo do convento de S. Francisco de Elvas. Principia êle por dizer, o que tanto a propósito, e quem sabe se por sua inspiração espiritual, minha pena medianeira comovidamente reproduz. (1) « Não se ha de negar, que em certos lugares, resplandecem mais, e maiores benefícios de Deus, que em outros: e isto por estarem aí relíquias de santos escondidas, ou por alguns altos mistérios, que em tempos futuros se hão de manifestar, ou já se manifestaram; ou por algumas causas a nós escondidas, em razão das quais Deus mais escolhe um lugar que outro. Assim achamos que escolheu o tabernáculo, que fez Moisés, depois escolheu Syla, depois o Templo de Salomão. E como nosso Deus, por causas de nós não sabidas, escolhe mais um lugar que outro, escolheu a nobre vila de Barcelos, para aí mostrar várias cruzes em três dias de Maio e quatorze de Setembro, em todos os anos, sendo isto um milagre contínuo. » Mais adiante diz o sábio panegirista de Barcelos: « Tem as armas de Barcelos três tôrres e tem a Santíssima Virgem, que é Tôrre de David, de que pendem mil escudos e toda a armaria de fortes e valentes; segura pode estar Barcelos com esta Tôrre, não tem que temer, estando debaixo da protecção e amparo desta Tôrre. Tem as quinas de Portugal, que estão postas em cruz, o escudete que esta no meio das três, que estão em fileira, está sôbre uma cruz aspada. Tem as armas de Barcelos a Santíssima Virgem, e a Santíssima Cruz, bem defendida está Barcelos com a Santíssima Virgem e com a Santíssima Cruz.

«Porque ordenou Deus que na morte de Cristo se juntassem Cruz e sua mãe?

«Porque estas são as principais valias nossas, as que mais teme Satanaz: juntou Cruz e mãe, porque são duas árvores que em tempo tiveram em si o mesmo fruto.

«Juntou Cruz e Maria, porque pessoa alguma deve buscar Cruz sem Maria, e Maria sem Cruz.

«Nas armas de Barcelos, entre a Cruz e a Virgem Santíssima, vai o rio Cávado.

«Pelas águas são significados os Povos. Bem defendido está o povo de Barcelos entre a Cruz e Maria Santíssima.

« A Cruz Sagrada em que Cristo Jesus foi

(1) Este escrito feito no ano de 1672 conserva a ortografia da época, que não é reproduzida porque tornaria menos fácil a leitura.

arvorado e morto é a espada com que se combate o mal e Satanaz é vencido.

«E nenhuma das espadas nomeadas, tem comparação com a Cruz, porque com essa espada são vencidos os peores inimigos; é porque usou essa espada da Cruz, mais valoroso e valente capitão, foi Cristo Jesus Senhor Nosso. Aparecem Cruzes em Barcelos, cada uma é uma forte e grande espada para defender Barcelos.»

Diz depois o citado autor da obra:

«E' a Vila de Barcelos o coração da Província de Entre Douro e Minho, por ficar no meio dela. O coração é o assento do amor: Cristo amou a Cruz de Coração: Fazendo aparecer Cruzes entre Douro e Minho aonde havia de ser senão em Barcelos, Coração de Entre Douro e Minho, e que Jesus Cristo deu mostras de muito amar e defender. E estas Cruzes ensinam os Barcelenses a se crucificar às cousas vãs do Mundo e que ao Mundo não sacrifiquem o amor que devem a Cristo. Na bandeira do Lábaro, mandou Constantino Imperador, desenhar a Santíssima Cruz, que dava fôrças por onde passasse. No campo do Salvador apareceram Cruzes que hão de ser em Barelos um auxílio medicinal em vigor e fôrça para vencer todo o mal, todo o inimigo. A' vista da Bandeira Lábaro, aparecia a Vitória, à vista das Cruzes de Barcelos aparecerá toda a vitória, todo o vencimento: aparecerá todo o bem e fugirá todo o mal.»

Tem pois Barcelos a Cruz, como emblema da mais alta dignidade e nobreza que se escuda na Fé Cristã e na imitação de Jesus.

E como todas as coisas grandes que enaltecem nações e raças, teem o sêlo do Cristianismo: como o cristianismo tem a sua árvore na Mãe de Jesus unindo mãe e filho aos pés da Cruz, tomou a Fé ardorosa dos Portugueses a Cruz para seu emblema de glórias, tendo nas extremidades de seus braços as flôres de Lis, que representam as virtudes da Virgem abraçadas ao lenho do martírio de seu amado filho.

Foi essa cruz floreteada em Campo Vermelho, distintivo dos brazões de Nun'Alvares Pereira, heroi da batalha de Aljubarrota, que lhe mereceu o título de segundo Conde de Barcelos.

E' a flôr de Lis que enflora as extremidades dessa Cruz, o lírio cândido, o *sprekilia formosíssima* que se compara a Maria; que foi escudo de pureza de Santa Izabel; que dá relêvo a feitos heroicos, é a glória heráldica da histórica cidade de Leiria, e título do rio que corre lêdo e manso às suas margens, e como um preceito de Paz e Bondade, vai abraçar-se ao oceano das conquistas.

E' que se em Barcelos o Campo de S. Salvador se cobria há séculos, de muitas cruzes que espíritos invisíveis traçavam sôbre a terra em várias côres e tamanhos, nas terras de Leiria e seus arredores, se desenrolaram em todos os tempos, desde que D. Afonso Henriques elevou o culto da Virgem, no alto duma fortaleza invencível, tantos e tão extraordinários milagres feitos pela Mãe de Jesus, que forma um arquivo de títulos sagrados, a nomenclatura de denominações com que a devoção do povo baptisou a consoladora de suas desgraças e a estrêla de sua Fé. Com mais de trinta denominações tem sido venerada a Santa Maria no distrito de Leiria. Mas entre todas era a Senhora da Pena, do Castelo, e a Senhora da Encarnação ou Senhora dos Anjos, as que dentro de seus muros, miracularam, consolaram e converteram milhares de infelizes. E tantas orações, tantos votos, tantas oferendas, tantas invocações, feitas por êsse povo há tantos séculos, à Senhora da Luz, à Senhora da Purificação, à Senhora das Mercês, à Santa Maria das Vitórias, à Senhora da Piedade, à Senhora do Amparo, à Senhora da Conceição, e às demais trinta Senhoras de que outras tantas terras fizeram os seus ídolos, fôram ter ao Céu, às regiões espirituais de onde baixou a nova luz reveladora que em forma de Aparição Celeste resplandeceu na Cova da Iria?

E bem pode dizer-se como o panegirista de Barcelos: «Se Barcelos é o coração de Entre Douro e Minho, como não havia de Deus escolhê-lo para plantar o Santo Sinal da Cruz sôbre o coração que é a peanha dessa Cruz? Se é Leiria o Coração da Extremadura, a terra de Santa Iria, o leito florido do Rio Lis, a Ara de Adoração da Virgem, o lugar das devoções de Santa Izabel, como não havia de ser escolhido pela Soberana do Céu para volver de novo os olhos dos portugueses para o culto antigo, para experimentar de novo os seus nativos sentimentos religiosos, ali muito perto da Batalha e de Aljubarrota, onde Nun'Alvares Pereira batalhou denodadamente contra os irmãos e filhos da mesma Pátria da Rainha Santa, que tanto amou Portugal e a sua Paz com a Espanha, nações lançadas em guerra por defeitos da mesma raça belicosa e aguerrida?

FÁTIMA, LEIRIA E A FLOR DE LIS

Atraída para estes lugares desde muito tempo, só porém me foi dada a consolação de receber a sugestão de seus encantamentos, nestes últimos dias, depois da última peregrinação de Outubro consagrada a Nossa Senhora de Fátima. Vim por três dias e aqui estou há muitas semanas. E como, não sei se com todas as pessoas, mas, com muitas que Deus inspira, não se dão acasos, mas se cumprem regras divinas levou-me uma intuição à Biblioteca de Leiria, que é obra admirável de um estudioso e sábio amador de investigações eruditas e de arquivos e tradições,

o Sr. Tito de Sousa Larcher, a quem a cidade e a história de Leiria e de todo Portugal, tanto devem.

Como se houvessem de antemão andado por entre as estantes e as pirâmides de livros, as almas de alguns autores de obras, que, publicadas em séculos distantes, tanta Luz derramam no presente para alumiar nossos espíritos, logo a clarividência e intuição espiritual do Sr. Larcher, trouxeram até onde a sêde do saber que anima meu coração, os livros onde encontraria logo os fios do Ideal Cristão de que se tecem todos os laços do Amor e da Concórdia entre os povos, as terras que os dividem e as raças que os habitam.

E' por um livro dêsses, destinado a ser o elucidário de meus anseios de cristianismo, que posso informar de que, se Barcelos é o Coração do Minho onde a Cruz é a sua miraculosa fortaleza, é Leiria o Coração da Extremadura que votou seu maior culto à Santa Mãe de Deus, personificação do Amor em sua mais sublime expressão.

Leiria, a flor de Lis dos heráldicos brazões de Portugal, e que foi chamada por célebres geógrafos, o ramalhete mais mimoso de entre as terras desta região, mereceu especial devoção ao primeiro Rei D. Afonso Henriques, que fez da antiga Colipo destruída pelos Mouros, a linda cidade guardada pelo Castelo, que converteu em Peanha e templo de adoração de Nossa Senhora da Pena. E lá diz a História das Imagens Milagrosas de Nossa Senhora: «E pela grande devoção que tinha o Santo Rei à Virgem Maria Nossa Senhora, lhe dedicou, com que veio a ser aquela terra desde a sua restauração, ou reedificação, Casa de Maria Santíssima e tôda aquela Diocese, possessão da Mãe de Deus, e edificou o Castelo e a Igreja da Senhora da Pena.

«Com muita razão dedicou El-Rei D. Afonso Henriques a Maria Santíssima o Castelo da Cidade de Leiria, e como foi fundado sôbre uma penha, quiz que a mesma Senhora, com o título de Pena, ou da eminente pedra, dela defendesse aquela nossa fortaleza e povoação, que sendo cidade ilustre no tempo em que os Romanos a conquistaram, se denominava Colipo, passando mais tarde a ser Lerena, nome que se atribui ao facto de ser natural de Leiria, a célebre e formosa Virgem Mártir Santa Iria, que o tirano enamorado fez sepultar nas águas do Nabão, em Tomar». Diz essa obra que contra os bárbaros Maometanos, discípulos da infernal cobra de Mafoma, ergueu o Rei a mais sólida fortaleza e para que mais a não sujeitassem a danos e ataques, a fortaleceu e murou com esta celestial *Pedra Maria*, «porque com ela, e com sua angélica presença se afugentariam para sempre, como sucedeu,—as cobras Maometanas, porque é a Senhora uma pedra Santa onde se não encontra vestígio de infernal serpente do mal.

«Foi a nobre e antiga Vila de Leiria e o seu Castelo, frequentado por tantos Reis, doada por D. Diniz a sua Esposa Santa Isabel, no dia 4 de Julho e ela muito o enobreceu, deixando nele grandes memórias e ainda hoje se vêem parte das casas, (1) em que a Santa Rainha vivia. Na Igreja de Nossa Senhora da Pena, aonde mais assistia, e com a qual tinha especial devoção, deixou a âmbula do milagroso leite da Virgem Santíssima, que ainda hoje se conserva».

Pelos descritivos dêstes cronistas, se depreende que do alto do arcaico Castelo de Leiria, se dilatou um culto vivo à Mãe de Deus, que se estendeu por todas as terras do seu distrito e se alargou em todos os domínios de Portugal, até para além dos mares, através das naus das Índias, da África e do Brasil. Intensificara êsse culto o valoroso D. Afonso Henriques. Continuara-o Santa Isabel, a açucena do Cristianismo que parecia conter nos glóbulos de seu sangue, algumas gôtas de sangue de Nossa Senhora.

E se a Leiria se pode chamar a Flor de Lis dos brazões de Portugal, a Santa Isabel se pode chamar a Flor de Lis de todos os brazões dinásticos. E' que foi sempre a Flor de Lis, um símbolo de virtudes sagradas que as Virgens Gáleas empunhavam como emblema do Bem; que os povos Egípcios da antiguidade veneravam como alegoria de ressurreição; que tem sido a divisa de santidade e heroismo em tronos e altares, em sceptros e báculos, e concedida como distintivo de maior glória a herois e batalhadores. E' essa Flor de Lis o nobre sêlo dos brazões de Leiria, sêlo de cristal transparente que se condensa nas águas lendárias de seu rio poético classificado de *Fonte do Paraízo*, pela seiva de fertilidade que faz da terra um oásis de abundância e donaire, revestindo-a de galas vicejantes.

E' a França a Pátria heráldica das Flores de Lis, de que fez seu escudo sagrado, depois que as visionara vindas do céu o Rei Clodouço, como Afonso Henriques vendo a Cruz de Cristo no Campo de Ourique. E sendo as Flores de Lis a bandeira dada pelo céu à França, para ser a Auriflama de suas vitórias e santidades, ao lado da corôa de espinhos e da lança com que Cristo foi martirizado, as três flores mimosas e rainhas da flora que rescendem a lírios e teem parecença com as estrêlas, teem sido os astros dos brazões dinásticos e o distintivo da nobreza que praticou feitos de valia.

Realçaram nas armas de S. Luís, Rei de França e no Escudo de Santa Isabel, descendente dessa dinastia.

Mas se fôra a Flor de Lis distintivo de sua alta linhagem, bem mais realce e comparação mereceu dela sua vida que foi uma incomparável glória de perfeições e graças de corpo e alma, merecendo aos povos onde a luz de seu Cristianismo levava as almas na adoração da Beleza e da

(1) Data esta informação do ano de 1711.

Bondade, a denominação de Anjo do Apocalipse enviado por Deus à terra, como arco iris de Paz e Amor destinado a fazer raiar em todos os tempos, os lampejos divinos do Amor cristão.

O POVO, ESTEIO DE PORTUGAL

Da janela do meu quarto situado em frente do antigo castelo de Barcelos onde habitou Nun' Alvares Pereira como Conde da antiga e histórica Vila, vejo passar a multidão enorme do povo que vem de todos os lados, concorrer com seus produtos de géneros agrícolas ou industriais, ao importante mercado semanal que aqui se realiza.

E' extraordinária a concorrência de gente de todos os povos, a esta feira semanal. Importantes as transacções que imprimem uma nota de vida a esta região. Ao percorrer há dias o vasto campo da feira, senti mais fé no destino da minha pátria.

E' ainda neste povo que trabalha, que produz, que cultiva a terra e cria a abundância, que se encontram as camadas sàdias e por ora não atingidas pela maior decadência da época, que assola a vida das grandes cidades.

E' êste o povo que pode considerar-se o grande esteio da nacionalidade se se procurar salvá-lo das correntes mais nefastamente contagiosas.

Mas a êste povo que cultiva e amassa o pão que come, que fia o linho que veste, que arranca aos montes o barro de que faz a sua louça, e a fabrica com arte e engenho pitoresco, falta um gráu de educação que o instrua sem lhe tirar a simplicidade de seus costumes e a candura religiosa de suas almas.

E para que esta e outras terras do País prosperassem, para que ao povo fôssem ensinadas as regras de vida que preservam de sofrimentos por meio da previdência e da higiene, reforma de costumes que protegem mulheres e crianças, animais e loucos, é que todos deveríamos pelejar.

Deveria êsse movimento de educação social e popular, ser protegido pelo Governo e seu chefe de Estado, estimulando e premiando todos os patriotas que por iniciativa particular o ajudassem a realizar.

Porque êsse povo de boa índole, trabalhador e em geral honesto, religioso e simples, é muita vez mau por falta de educação: Faz judiarias selvagens aos animais; trata as crianças com pragas e rudes castigos; é cruel com os velhos; persegue os loucos; nada sabe de higiene; é supersticioso e crendeiro; e ensinaram-lhe em criança a inveja, deram-lhe o exemplo da maledicência, da hipocrisia, da crueza. Faz troça do seu semelhante. Vai às romarias e embriaga-se provocando rixas e mortes. E' rude com as mulheres. Considera escravas as consortes. E estas andam sujeitas a trabalhos pesados durante a gravidez, são espancadas e transmitem ao sêr que anda em gestação, a influência mórbida do seu estado de oprimidas, que causa o definhamento moral com reflexo no definhamento físico.

Que gerações se produzem em tais condições?

Muitas vezes, e em várias publicações, tenho repetido a frase de Guerra Junqueiro referente ao povo:

«A farinha é excelente, o pão é que é mal feito.»

Grande verdade resumem essas palavras, verdade que encerra o verdadeiro remédio da questão social, e que põe em paralelo a questão moral e a económica pela solução que garantiria simultâneamente ao povo o pão do corpo e o pão do espírito.

No cultivo da terra, na educação agrícola do lavrador, na criação de escolas agrícolas, no triunfo de Ceres, no culto da terra-mãe, está o segredo da solução económica.

Mas se é preciso que o agricultor aprenda prática e teòricamente a cultivar a terra e a colher bons produtos, não é menos preciso cultivar-lhe a alma, o espírito, a consciência, por meio de práticas, de leituras, lidas por êles ou ensinadas por outros e de propaganda intensa e útil.

Senhor Presidente

Assumiu V. Ex.ª o espinhoso cargo de Chefe da Nação Portuguesa, numa crise de bem difícil reconstrução.

E' V. Ex.ª o supremo governante de um povo indisciplinado pela nevrose da época, e ocupa um dos mais altos cargos do Exército.

São as armas metálicas de um exército e a disciplina do militarismo bem organizado, as sentinelas de segurança de um Estado? E' certo. Mas ao lado dessas armas outras são indispensáveis para levar a conquistas de mais alta e definitiva glória do que as vitórias da guerra maculadas pelo sangue de milhares de vítimas.

Há nesta nação, inimigos mais temíveis a combater, do que os próprios invasores ou cubiçadores de seus domínios territoriais. Esses inimigos são os seus vícios, os seus erros, seus abismos de ignorância, seus instintos mais inferiores medrando na inconsciência de gente de boa índole mas semi-bárbara por falta de educação.

Contra os estragos de tais inimigos, são impotentes as próprias armas do exército. Eles, são os que mais comprometem a autonomia dos povos, a segurança de suas instituições, os direitos rácicos, tradições, nacionalismo e independência.

Como evitar os estragos que êsses inimigos permanentes e terríveis produzem?

Apetrechando as nações com as armas de mais certeira pontaria que defendem sem matar, criando a vida em vez de a exterminar na inglória ilusão de uma defeza de que as conseqüências são sempre expiação e escravidão futuras, por irem contra o mandamento da lei de Deus: «Não matarás o teu próximo».

Essas armas são as que movem os sentimentos humanitários, são as armas das idéas evangelizadoras, são as armas do Cristianismo, armando pela educação, pela civilização, pelo amor bem consciente e esclarecido da humanidade e da Pátria, a consciência colectiva de uma nação privilegiada e atrasada como a nossa.

E' Portugal uma nação forte e fraca, rica e pobre, pecadora e redentora.

A situação e a sorte de Portugal, parecem neste momento com a mesma que aflige o Douro altivo e esmagado, possuindo a riqueza entranhada num solo onde os próprios rochedos produzem essa riqueza e são tesouros preciosos os afluentes de suas águas.

E' ouro a corrente líquida dêsse Douro que estremeço e deploro. E' ouro o nectar dos cachos ambarinos que são delícia do paladar e elixir miraculoso da saude. Mas dêsse suco que é tónico, usado com moderação, destilou a gula humana o veneno da embriaguês. Da embriaguês teem emanado os vapores de crimes e vícios corrosivos.

E se êsse mal alastra pelo mundo inteiro, agitando as fortes campanhas anti-alcoólicas, em Portugal continua a ser a epidemia mais cáustica, mais contagiosa e fatal de uma terra votada ao fetichismo do deus Baco.

O Douro é considerado fonte de riqueza nacional? E'-o com efeito. Mas essa riqueza tem de ser explorada de forma diferente. Não atingirá nunca um efeito de ressurgimento, destilada em vinho e alimentando o crime e o vício no abuso alcoólico. O Douro será moral e materialmente rico, quando converter as suas caudais em energia industrial e agrícola, quando seguir os sistemas alemães, curando suas enfermidades e robustecendo a saude, comendo muitas uvas e bebendo moderadamente o suco que embriagou Noé e acirrou ódios entre Caim e Abel.

Interessa a V. Ex.ª e ao Govêrno a causa do Douro? Fixem V. Ex.ª e o Govêrno, as suas atenções nos considerandos que saem da alma de uma Duriense afeiçoada ao fertilíssimo e simbólico rincão da sua Pátria, com o amor que se entranha no coração florescendo em pujança de idéas e caudal de inspirações.

O Douro, que os parasitas de graves doenças tem atacado, é como todo o Portugal um organismo doente, com todas as condições vitais para tornar-se são. Para o pôr em estado não completamente são, mas ao menos de mais regular reconstituição, são precisas várias operações, t nto morais como económicas.

Nessas operações teem de agir mestres hábeis, ajudantes competentes, enfermeiros exercitados. Estarão no seu lugar de Mestres, o chefe de Estado e seus Ministros. Ajudantes os evangelizadores, os bons doutrinários, os idealistas, os pensadores e sociólogos. Obreiros práticos de sua reconstituição, os organismos associativos, os sindicatos, os agrupamentos constituídos com um alto fim de reconciliar os interêsses pessoais com os direitos da grei e os deveres sociais e colectivos.

Por fim tem de agir como no campo das guerras, a legião das enfermeiras a quem compete animar o doente, curar-lhe carinhosamente as chagas, sondar subtilmente as causas de tão graves doenças e aligeirar o sofrer que causam, à fôrça de ternura e sentimento.

Eis o papel que compete às mulheres.

E' neste amorável cuidado que cabe uma glória e um direito sagrado, ao coração feminino. E' neste campo de acção social, que aquelas a quem foi dado possuir faculdades desenvolvidas, podem dedicar à humanidade seu pensar grave e profundo, retocado das subtis delicadezas do sentimento.

Há tantos anos já que a eminente e sublime senhora D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, dizia: «Há tanto que fazer em Portugal! Proteger mulheres, crianças, loucos, inválidos. Combater o alcoolismo, a prostituição, a crueldade, cultivar a Beleza, a Bondade, a Virtude.» Mas os anos passaram e tudo está por fazer no País das revoluções.

Relevem pois a alta situação e sensata razão de V. Ex.ª que o meu arreigado desejo de ver a minha Pátria a caminho de eras mais felizes, lembre à sua capacidade de Chefe de Estado, a conveniência de uma *decisiva* reacção que desse movimento e expansão às idéas e acção de um núcleo de pensadores e doutrinários que seriam chamados a constituir uma empreza ou comissão de propaganda contra todos os vícios e ignorância sociais.

O grande ditador italiano Mussolini, fez ingerir grandes doses de óleo de rícino àqueles que conspiravam contra a sua política e idéas. Em Portugal era urgente cultivar um novo ambiente formado de novas consciências, fazendo-lhes ingerir a substância reconstrutiva das obras de «Burst Ross» e de «Orison Marden» para adaptar sua moral a êste desorientado delírio de vida falsa e materialista.

Cingir-se-ia a êsses princípios a propaganda de que tanto precisa o nosso perturbado e incivilizado País.

Com a colaboração de bons doutrinários, fundaria o Govêrno um órgão de propaganda nacional, sustentado por meio de publicidade.

Decretaria uma lei, tornando tributo obrigatório a sua assinatura a todo o cidadão contribuinte.

E teria o Govêrno uma fonte de receita importante para realizar outras obras tendentes a resgatar o povo da ignorância e da miséria moral que tanto flagela e compromete esta Nação.

Senhor Presidente

A crise moral que está assolando Portugal e que aniqüila as energias físicas, mentais e rácicas de esta e outras nações, não é de fácil remédio.

Mas pode diminuir sensivelmente se a razão promover as reacções do sentimento, e o sentimento servir a razão para o despertar da nova consciência. Mas o que é que poderia fazer-se e como? Propaganda intensa e bem orientada feita por gente que tenha verdadeiro amor à causa social e competência, intuição, eloqüência de coração.

O Estado não dispõe de receitas para sustentar essas campanhas? Pode, se quiser, conseguir imediatamente uma reacção que produza os dois efeitos, o moral e o material.

Criando o Estado o boletim oficial a que já me referi, e decretando essa lei que seria do maior benefício nacional; e criaria o tributo obrigatório da assinatura dêsse boletim, como medida urgente de cultura social a que seria obrigado todo o cidadão contribuinte, pagando um tributo mensal ou semanal de que colheria proveitos certos e úteis.

E o Govêrno prepararia os contribuintes para receberem o decreto como medida de previdência e da sua vantagem, dizendo num manifesto:

«O Govêrno vai lançar-vos um tributo que é de vossa própria utilidade.

«Causa-vos dor, a doença, a infelicidade, por ignorardes certas regras de vida que vos podem precaver contra muitos e acidentes males.

«O Boletim de cultura social, cuja assinatura obrigatória é um tributo a que todo o cidadão é sujeito, será como que um mensageiro da vossa felicidade proporcionando-vos conhecimentos que vos permitirão regular melhor vosso viver, vossa saude, vossa paz doméstica, fortalecendo-vos a razão, a vontade, o carácter, ensinando-vos a higiene, a ordem, a economia, o método, preservando-vos de muito sofrimento e dispêndios, tornando-vos mais fácil a vida, mais são o corpo, mais forte a alma, para serdes contribuintes da felicidade própria e comum, educando filhos sàdios e fruindo vida mais feliz.»

Supondo que era apenas de um escudo êsse tributo, visto que o Boletim seria publicado com a contribuição da grande publicidade, que as grandes Emprezas assegurariam, visto ser o Boletim de grande expansão, que enorme receita não entrará nos cofres do Estado e que corrente de reacções e conhecimentos, se não iria intensificando! E essas receitas aplicadas a obras práticas, instituições de educação infantil, cantinas e agremiações operárias recreativas e educativas, enfim o funcionamento prático da «Legião do Bem», numa expansão que lançaria raizes em todas as regiões e terras do País. E como medida igualmente indispensável, existiria um método ou guia matrimonial de conhecimentos e ensino obrigatório para todos os nubentes e perante o estudo do qual seriam sujeitos a um exame de êsses conhecimentos, antes do seu consórcio, para se integrarem conscienciosamente nos seus deveres de pais e educadores competentes.

Eis outra medida indispensável e que obriga os nubentes a dar um rendimento ao Estado, com utilidade própria.

Não há instituições, não há nações, não há fôrças militaristas que resistam contra a invasão do terrível inimigo de uma Pátria, que é a sua falta de educação. Prova-se que essa falta de educação e pouca civilização, existe até nas mais altas camadas, e subsiste nos próprios dirigentes quando se manteem indiferentes ao esfôrço obstinado dos sociólogos e das mulheres que lutam sacrificadamente por mobilizar o exército dos corações na execução de idéas práticas e reformadoras.

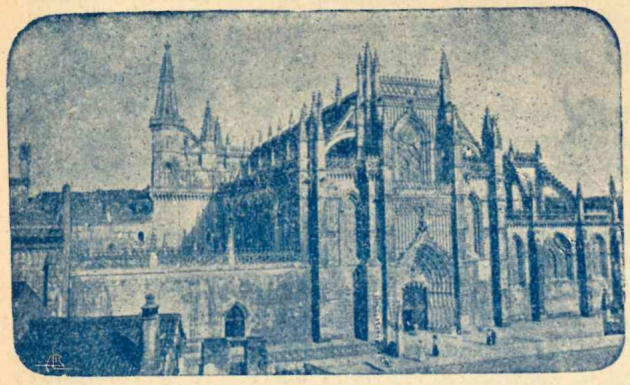
Com longos anos de trabalho sem glória nem proveito, espero não receber do alto critério patriótico de V. Ex.ª, mais uma desilusão como tantas vindas de outros Chefes de Estado, tantos ministros desta nação infeliz.

Sob o patrocínio de V. Ex.ª coloco pois esta representação e os pensamentos e alvitres que pondo em foco a crise da Pátria, e suas derivantes, revolvem todas as causas e efeitos da desordem nacional e social.

A Vida e Obra de Santa Isabel, deviam ser conhecidas de todos os Portugueses, através do livro de Madame «Lebrum» que foi publicado em francês e está traduzido resumidamente em português. Por êle se avalia a influência que exerce em povos e raças, o coração e a intuição da Mulher alumiada pela luz do Cristianismo praticado em suas mais elevadas formas de bondade, renúncia, humildade, amor do próximo, castidade, desprendimento de vaidades e ambições do mundo, religião de Deus e espírito de fraternidade, culto do trabalho e devoções espirituais.

Floriu a agricultura, floriram as artes, as letras, as obras de reconstrução nacional e de beneficência; a protecção às crianças, às raparigas transviadas, aos lázaros, aos velhos, aos artistas,

L E I R I A



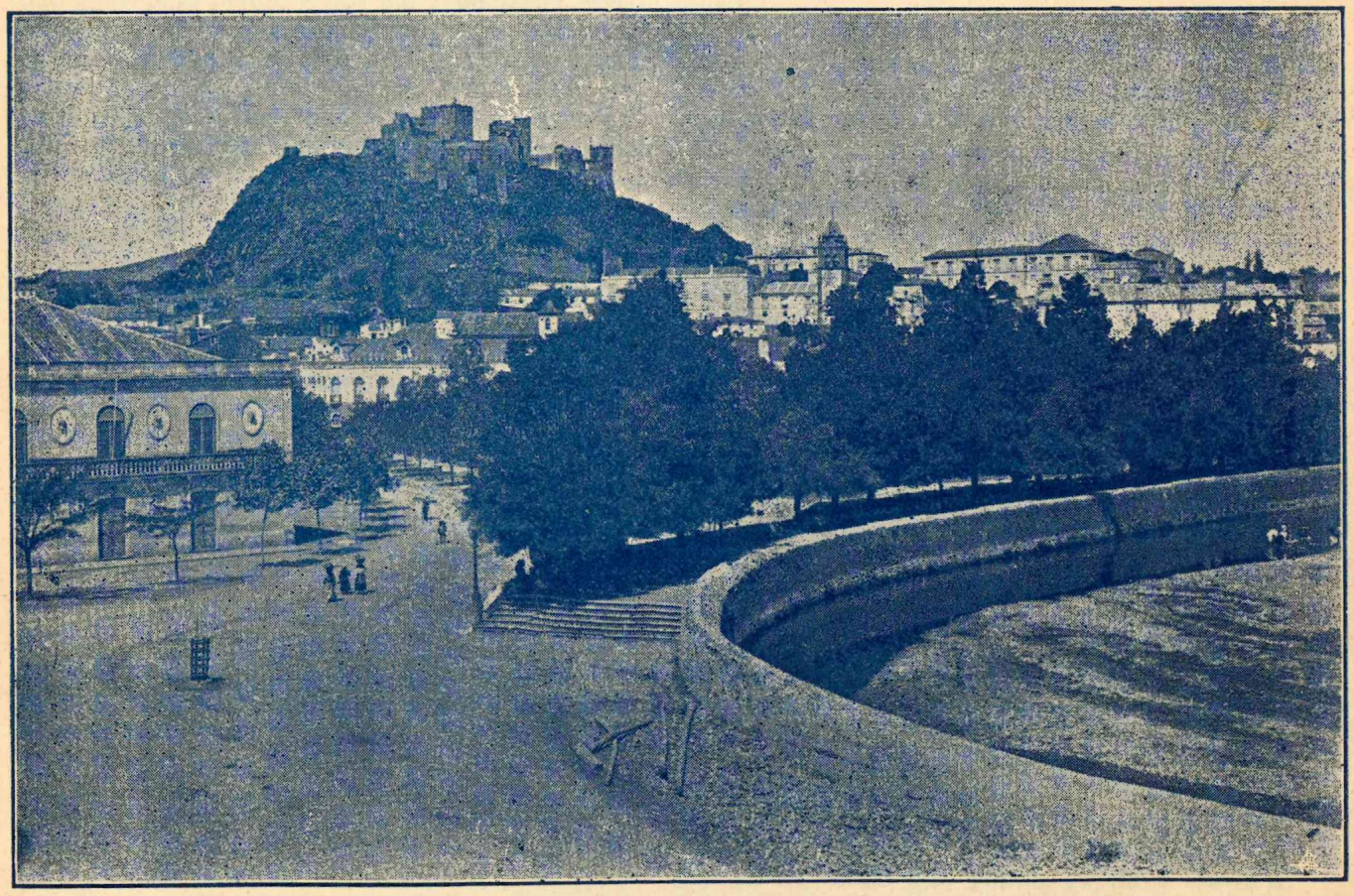
MONUMENTO DA BATALHA

A MAIS IMPORTANTE E A MAIS BELA ESTANCIA DE TURISMO DE PORTUGAL

VISITAR

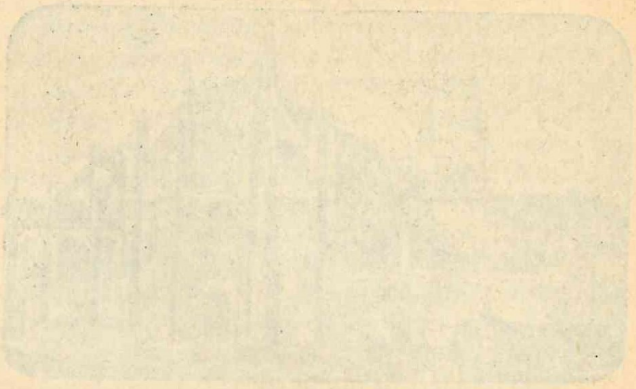
O Castelo — As margens do Rio Lis — A Sé Catedral — O Hospital D. Manuel de Aguiar — A Central Electrica — A Biblioteca e o Museu — O Teatro — O templo de N. S. da Encarnação — A Mata dos Marrazes — O Lapedo — A grande fábrica da Empresa de Cimentos em Maceira.

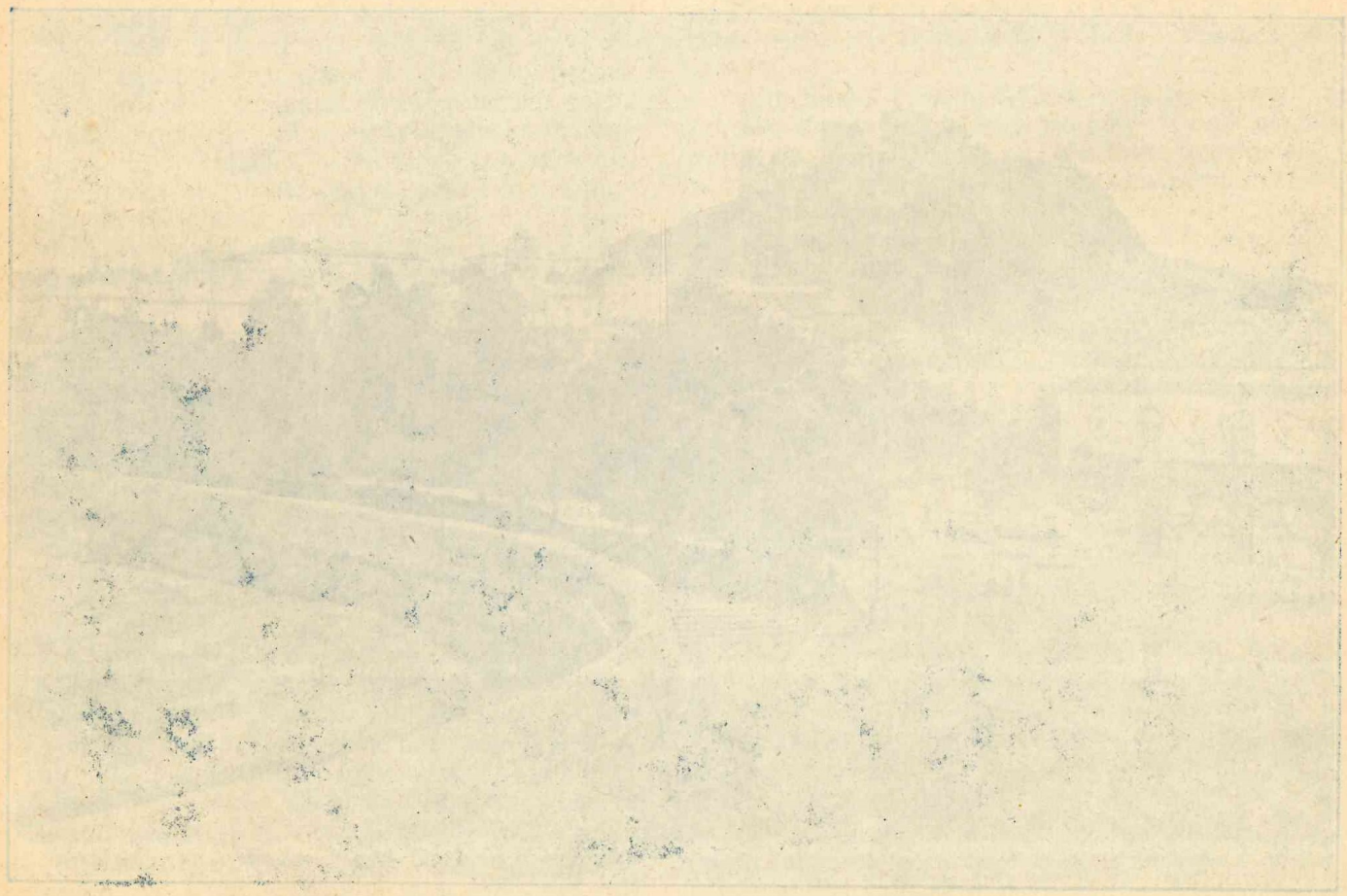
CENTRO DE IRRADIAÇÃO PARA: — Batalha (Mosteiro), Marinha Grande (Fábricas de Vidros) S. Pedro de Muel (Praia), Monte Real (Termas), Fátima (Santuário das Aparições), Alcobaça (Mosteiro), Nazaré (Praia), etc., etc.



LEIRIA — UMA INTERESSANTE VISTA PARCIAL

LEIRIA





aos agricultores, ao comércio, às indústrias, aos cultos divinos, no reinado de D. Diniz, porque a seu lado o inspirava, o estimulava, com os exemplos de suas virtudes sublimes, essa extraordinária mulher que realizou o perfeito tipo feminino dentro do ideal e dos preceitos Cristãos.

Ela lutou heroicamente para manter a Paz entre Espanha, sua Pátria mãe, e Portugal, sua segunda Pátria bem amada.

E se a morte a não surpreendesse nesse combate de concórdia em que se cumprem os mandamentos da Lei de Deus, não se teria travado a batalha de Aljubarrota.

Consumaram-na as paixões humanas feitas de sensualismos, soberba e cubiças? Mas ela se poderia ter evitado se as armas do coração com que Santa Isabel tanta vez fizera estancar o sangue das chacinas e suster a luta fratricida dos combates que pôs em guerra Portugueses e Espanhois, pelos mesmos motivos que desenrolam as revoluções de Portugueses contra Portugueses, se houvessem levantado, como arco-iris do Céu, entre a fúria aguerrida dos contendores.

E é ao presente Portugal um País livre, *seguramente* independente, disposto a levantar-se pela Paz, pela ordem, pelo trabalho, pela espiritualização e cristianização de seus costumes materialistas que definham a raça e ameaçam sua independência? Não é afirmativa a resposta. Mas é positiva a probabilidade de uma forte reacção que agite pelo fundo, a raíz das tendências espiritualistas de uma raça que tem em si o gérmen do cristianismo, a seiva espiritual que se expande em lirismo, em intuições de sentimento, de arte, engenho e idealismo e que atrai graças do céu em revelações sobrenaturais, abrindo a via láctea de novas concepções baseadas no culto de Deus unido ao culto da sciência que justifica os fenómenos do sobrenatural divino.

E' como se do túmulo onde o corpo incorruptível de Santa Isabel rescende eternamente a fragrância das rosas e da flôr de Lis, que foram em sua vida símbolos de sua pureza, seu coração ressuscitado e seu espírito imponderável viessem animar idéas espirituais e reincarnar em corações que sentem como o seu, se move esta pena e vibra esta pobre alma esfacelada mas crente, para dizer ao Chefe de Estado da Nação Portuguesa e ao seu brilhante exército de terra e mar:

Quando há dias assisti à peregrinação de Fátima, os meus nervos, minha alma, meu coração, vibraram num sacudimento que empolga e avassala os ânimos mais fortes, electrizando-os, estabelecendo uma hipnose que se comunica numa galvanização colectiva, unísona, magnética, e de potência fluídica capaz de render o mais descrente materialista, choraram meus olhos e exultou meu coração cheio de fé e esperança num verdadeiro renascimento nacional.

E' que ali se pode alimentar a crença na transformação de uma raça e de seus sistemas de vida que anda fora do eixo, destinado a ser o seu dínamo e que é a vida espiritual servindo de lema à vida material, e não a vida material abafando e escravizando todas as tendências espirituais que realizam o cristianismo e asseguram a fraternidade.

E' que nesses muitos milhares de pessoas que são atraídas à Cova de Santa Iria por uma potentosa fôrça sobrenatural, não há só lábios que rezam, povo que tem fé, gente de todas as crenças e de todas as camadas que vai em romagem de devoção, uns mais conscientes, outros mais inconscientes dos deveres cristãos, nem sempre praticados dentro de uma religião exercida superficialmente e tanta vez hipòcritamente.

Ali vibrava uma alma que não é pròpriamente a alma escrava da vida terrena que se deixa escravizar ao materialismo.

Vem do Céu, vem das regiões imponderáveis, um fluido estranho que ali penetra, inspira e converte essas almas.

Paira ali Deus mais perto das criaturas. Vem do ar, da terra, do espaço, êsse halo sobrenatural que se volatiza em unção, impregnando os ares, impregnando as almas, acordando nelas energias latentes, dispondo-as à religiosidade, à fraternidade, ao Amor e à Paz que é Felicidade.

E ali se gerou em meu espírito a idéa de uma grandiosa peregrinação nacional de carácter patriótico e de finalidade espiritual, em que se fizessem representar as armas dos exércitos, que infelizmente são ainda necessárias à garantia das nações, e as armas do coração que garantem o resgate da humanidade pela bondade, pelo amor que tem o sacrário da sua religião no coração das mães e das mulheres contribuintes da Paz e do Bem social.

Entra em breve o mês de Dezembro, mês das neves que congelam os membros desnudados de vèlhinhos e crianças sem abrigo, sem calor e sem pão.

Mas é êsse o mês simbólico da fraternidade, da união íntima da família que celebra a festa do lar no aconchêgo enternecedor e afectivo da noite do Natal. E' também o mês que celebra a Virgem Santíssima, no dia oito de Dezembro.

E' próprio dêsse mês, o rigor do frio. Mas o espírito de sacrifício tudo suporta. O soldado que agüenta as inclemências das batalhas, sofre heroicamente o frio, a fome, a sêde, todas as privações e todos os golpes de metralha ou de armas que o trucidam. E de quantos sacrifícios não são capazes as mães que geram e dão à luz com dores cruciantes, e criam com tantos sacrifícios

os filhos de seu amor que as guerras impiedosamente lhes arrancam dos braços?

Mas anda uma parte das mulheres de todo o mundo fora da sua missão. E dêsse desvario crescem as venenosas flôres do mal.

Movem-se em exercícios de guerra, dispendiosos e anti-cristãos, os exércitos que se preparam para defender e disputar territórios, atentando contra os preceitos divinos que dizem «não matarás o teu próximo e não cubiçarás as coisas alheias».

Realizaram recentemente as fôrças militares em Braga, custosos exercícios que se destinam a habilitar milhões de criaturas a manejar os instrumentos de guerra e de morte, endurecendo o coração na glorificação do heroismo que se tinge de sangue e evoca as chagas de Cristo Redentor, embora a Cruz se estampe nos pendões dos combates e se converta em sceptro de ilusórias vitórias que mais tarde se transformarão em derrota no plano da verdade que se resume em amar o próximo como a nós mesmos.

E' para chamar as criaturas à prática do Cristianismo, que surgem os fenómenos de ordem sobrenatural.

E as Cruzes que há trezentos anos cobriam o campo de S. Salvador em Barcelos, ou as Aparições da Cova da Iria, são chamamentos de Deus, são obra de sêres invisíveis e eleitos transmissores que atraem as turbas paganizadas para a religiosidade espiritual, dispondo-as ao exercício do Cristianismo.

Por isso eu venho lembrar a V. Ex.ª e ao Exército Português uma romagem nacional feita por fôrças militares e pelas Mães Portuguesas num alto significado de Patriotismo e Cristianismo. Essa romagem de fraternidade nacional, não distinguiria crenças nem políticas. Seria a romagem dos Portugueses que viriam render um preito à Cruz de Cristo e à Mater Dolorosa que aos pés dessa Cruz viu crucificado o seu amor de Mãe.

Ela viria reunir-se de Norte a Sul, em Coimbra, para prestar homenagem à Rainha Santa Izabel. Viria de Coimbra a Leiria, para invocar de novo a memória dessa Soberana da Bondade e a do Rei devoto de Leiria e do Castelo de que fez o altar e a fortaleza da Senhora da Pena, na terra que simboliza na flôr de Lis de seus brazões o coração da mãe de Deus abraçado às extremidades da Cruz. De Leiria subiria à simbólica Cova da Iria, que tem o nome da Virgem Mártir, nascida em Leiria, e cujo nome, vindo do grego, simboliza Paz e ressurreição e se compara à açucena *porque tem suavidade para o céu e fragrância para a terra, e se chama paraíso de delícias, jardim de virtudes, himeto de cândida e divina fragrância*, como disse um poeta.

Aí se ergueriam milhares de vozes de portugueses, num orfeon vibrante, para pedir à Mãe de Deus que ensine os exércitos a manejar as armas do coração, de que o sentimento das mães faz o sceptro da maternidade.

E do coração das mães, nessa romaria das Mães Portuguesas, se evolariam súplicas ardentes pedindo a conversão das mulheres que a onda dos sensualismos da época empolga e desvaira num abismo de perdição e desaire para o sexo que tem no mundo a missão do amor, como lhe o ensinou Santa Maria de Jerusalém e Santa Isabel de Aragão.

E nesse dia de fraternidade espiritual dos Portugueses, seria depois visitado o campo de Aljubarrota onde se travaram as encarniçadas batalhas e se sacrificaram milhares de vidas. Sôbre essa terra lendária, onde as ossadas dos mortos se transformaram em pó, se desfolhariam flores de olvido e de saüdade, de saüdade pelo espírito gentil da Raínha que quís impedir a carnificina, e de olvido das represálias e cometimentos que são afinal defeitos de raças semelhantes, degladiando-se entre si mesmas como filhas da mesma árvore.

Depois, a Santa romagem terminaria em Barcelos, no Campo de S. Salvador, pedindo-lhe a salvação da Pátria. Que espectáculo grandioso seria o das fileiras dos soldados junto da Legião das Mães Portuguesas que sofreram na guerra as dôres que Maria Santíssima sofreu aos pés da Cruz, ajoelhadas religiosamente no vasto campo onde a Cruz tanta vez tem marcado na terra o sinal da verdadeira redenção pelo Amor e pela Fraternidade.

Mas outra manifestação patriótica se realizaria em todo o Portugal ao mesmo tempo e que consistiria em efectuar o dia da Fraternidade nas vésperas do Natal ou no princípio do novo ano.

Mandaria o Govêrno fazer uns emblemas condecoração, que teriam como divisa a Cruz de Cristo, floreteada com a Flor de Lis, tendo de cada lado dessa Cruz um coração e uma âncora formando os símbolos Fé, Esperança e Caridade. Êsse emblema de pequenas dimensões, teria estes dizeres: «Legionários do Bem».

E por um plano de acção filantrópica como a que realiza a festa da Flor, seriam êsses emblemas distribuídos no dia da *Fraternidade*, colocando-os mãos delicadas de mulheres, ao peito de muitos milhares de Portugueses. Êsse emblema teria uma rubrica oficial conferindo ao seu possuidor o diploma de «Cidadão benemérito da Pátria». Os nomes de todos os que o merecessem, seriam arquivados e anotados pelas distribuidoras para ficarem perpetuando os rasgos de generosidade dos contribuintes da fundação de uma obra de regeneração social que será a «Legião do Bem», a qual iniciaria o seu funcionamento com uma parte das receitas obtidas pelas vendas dos emblemas honoríficos em que se solidarizariam alguns milhares de bons Patriotas.

Seria outra parte distribuída pelos indigentes a quem falta o pão e o lume na noite solene do Natal e da confraternização familiar.

Senhor Presidente

Tem V. Ex.ª usado com brio e dignidade militar a sua espada de general do prestigioso Exército Português. Creio que venera religiosamente a Cruz de Cristo que tem sido o lema de todas as glórias nacionais.

Entre a Espada e a Cruz, palpita e vibra o Coração de Jesus nas páginas do Evangelho. Tenho fé em que entre a Cruz e a Espada, o coração de V. Ex.ª seguirá a lei de Cristo, sendo patriòticamente o patrono da «Legião do Bem Portuguesa», cujos estatutos confio à esclarecida inteligência e aprovação do Chefe Supremo da Nação Lusitana.

ESTATUTOS DA «LEGIÃO DO BEM»

1.º — Considerando que Portugal está sob o domínio de nefastos costumes materialistas e de um atraso de civilização que afecta todas as classes;

2.º — Considerando que perante tal estado se impõe uma forte e obstinada campanha de cultura e previdência;

3.º — Considerando que se nos impõe o dever de substituir os meios de exercer a caridade pela consistente acção de solidariedade baseada no respeito humano, no amor do próximo e na noção dos deveres cristãos;

4.º — Considerando que se podem realizar grandes movimentos de assistência e caridade por forma a obter os efeitos da cultura e da previdência, será instituída uma obra de intensa acção social que se denominará «A Legião do Bem», cujos fins e aspirações se resumem nos pontos seguintes:

1.º — Propõe-se a «Legião do Bem» alargar uma intensa propaganda educativa por meios práticos e teóricos e que se executarão especialmente entre as classes proletárias, abrangendo em seguida a criança, a mulher, de todas as classes, e a numerosa classe académica das escolas primárias às superiores.

2.º — Exercer-se-há essa propaganda pelos meios seguintes:

— Publicações recreativas e educativas: de folhetos baratos, pequenos livros de agradável e instrutiva leitura para crianças e adultos, constituindo uma biblioteca mensal para crianças, operários, mulheres, académicos, classe comercial e industrial.

3.º — Divulgarão essas publicações princípios de bondade, de paz, de ordem, de tolerância, de higiene, de economia, de continência, de amor do próximo, da família, da pátria e da humanidade oprimida, estimulando todos os sentimentos elevados e generosos e combatendo as paixões inferiores e grosseiras, os vícios, o crime, as depravações morais, a rudeza e a pornografia, a insolência e a má educação, demonstrando as vantagens gerais e particulares dessa transformação de costumes, por meio da explicação que convence a razão inculta e desperta a noção dos deveres cívicos e sociais.

4.º — Atendendo a que é grande o número de analfabetos, terá a «Legião do Bem» grupos de senhoras e beneméritos académicos que se incumbirão da leitura de seus folhetos e prospectos de propaganda, realizada em fábricas, escolas, cárceres, oficinas, centros e agremiações, realizando também visitas domiciliárias, palestras públicas, em bairros operários, hospitais, sempre incutindo idéas elevadas e ensinando o caminho da virtude, despertando corações, iluminando consciências, estimulando virtudes.

5.º — A «Legião do Bem» terá por divisa sòmente o Bem, livre de influências políticas e religiosas, podendo fazer parte de ela pessoas de política e crenças diferentes, sendo proïbid a adiscussão política ou religiosa no seio da agremiação.

6.º — A educação da mulher e da criança e a defeza e protecção social, jurídica e primacial de que carecem, como ponto de partida da robustez e da reconstrução da sociedade que requere gerações sàdias geradas no seio de mães fortes e respeitadas nos domínios conjugais, como criadoras da vida, serão a mais assídua campanha da «Legião do Bem», visto que a mulher e a criança estão em Portugal sujeitas a duros maus tratos e injustiças que as deprimem física e moralmente, e a sistemas de imperfeita educação que só permitem gerações mórbidas, epiléticas e incompetentes para a constituição de uma sociedade regular, ordeira, justa e capaz de realizar o bem-estar próprio e colectivo.

8.º — Faz parte do programa da «Legião do Bem» a protecção aos loucos, insultados por turbas ignorantes e aos velhos que a insolência do rapazio indisciplinado escarnece; aos animais que a barbaridade maltrata rudemente, sendo feita uma forte campanha contra os divertimentos selvagens que os sacrificam em festivas apoteoses à crueldade e à carnificina, que acirra os peores instintos da fera humana, incutindo nas crianças êsses sentimentos ruins que farão delas o futuro criminoso, o assassino e o dinamitista, o rufia, o vicioso.

9.º — A «Legião do Bem» terá uma sede central com núcleos nas principais terras do País.

10.º — A sede central será instalada em casa própria, convertida em centro de reüniões educa-

tivas e recreativas, para expansão dos fins altruistas da mesma «Legião do Bem».

11.º — Combaterá o alcoolismo e a prostituição, todos os vícios e imoralidades.

12.º — Considerando que há uma urgência de renovação espiritual, que intensifique o gôsto pelas boas leituras, a «Legião do Bem» promoverá mensalmente a festa do livro, ou o dia do livro, realizando a venda pública de bons livros moralizadores, e que será efectuada pelas Legionarias e Legionários do Bem conjuntamente com grupos de Bombeiros Voluntários e crianças dos Internatos de Caridade que colherão uma percentagem nas vendas efectuadas para benefício das suas instituições, realizando-se assim a obra de assistência.

13.º — As Legionárias e Legionários do Bem usarão de um distintivo permanente.

14.º — Será solicitado um diploma honorífico ao Estado para distinguir todos aqueles que de qualquer forma derem o seu concurso para o funcionamento e prosperidade desta obra.

Esses diplomas serão distribuidos em festas anuais de solidariedade e glorificação.

15.º — A «Legião do Bem» impulsionará a fundação do «Instituto Camões» destinado a proteger o trabalho dos obreiros do pensamento que se dedicam à reforma e morigeração da sociedade.

16.º — Considerando que a confraternização espiritual entre Portugal, Espanha e Brasil, é de alta conveniência para as três nações irmãs de origem e de raça, a «Legião do Bem» alargará ainda a sua acção até ao coração das duas nações prêsas indestrutìvelmente à nossa história comum por leis naturais e eternas.

17.º — Igualmente procurará a «Legião do Bem» manter um espiritual e fecundo entendimento pacifista com outras nações, e dentro de um nobre intuito de harmonia internacional.

18.º — Desenvolverá a «Legião do Bem» o culto e a virtude do trabalho beneficente, promovendo o funcionamento da «Casa do Trabalho», onde se reunirão as «Legionárias do Bem» trabalhando em artes e indústrias diversas para rendimento e sustento da mesma obra e subsidios dados às instituições de caridade com as verbas dêsse trabalho que é ao mesmo tempo uma lição de solidariedade, um nobre exemplo de uma virtude cristã exercida pelo trabalho, fonte de outras virtudes que constituem o bem das nações, das famílias e das sociedades bem organizadas.

E' esta publicação concluída em Leiria e em Leiria é feita sua impressão.

Ainda há pouco meus olhos arroxeados pelos sulcos das lágrimas e longas vigílias de um trabalho insano e tão mal retribuído pela gente que tem apregoado vãmente o ressurgimento da Pátria, se ergueram com muita Fé para as poéticas ruinas do Castelo onde acalentou seus piedosos anelos.

Meu espírito subiu com os olhos da alma até à cúpula do céu que serve de tecto às ameias e arcarias dêsse Castelo, talhadas pelo recorte bisantino que a renascença da arte grega transplantou para Portugal. Alongaram-se depois para a curva do monte do Anjo S. Gabriel, onde se ergue o templo antigo de Nossa Senhora da Encarnação que tem na história de Leiria um rosário de milagres de assombro, e pressenti que no céu de Leiria, pairava a Luz que há-de dar futura realidade a esta obra de amor.

RESSURGINDO

Leirienses, Barcelenses e leitores destas Cartas: existem em vossas terras, em vossas almas e em todo o nosso Portugal, dons e valores de raro privilégio para se obter a renascença que gera a felicidade na alegria de viver. Mas essa renascença tem de começar no renascimento de nós próprios, cultivando nosso espírito e aperfeiçoando nossas almas. Diz «Ellick Morn»:

«A Arte de renascer é equivalente à Arte de ser feliz. E a Arte de renascer é aquela que sabe tirar de suas energias inconscientes, do seu *eu* profundo, as fôrças que estavam nele adormecidas e utilizar o seu *critapsiquismo* para encontrar uma vida nova. Essas fôrças latentes que subiram até à superfície do *eu*, com tôda a impetuosidade de energias comprimidas, veem cooperar eficazmente na integração da alma e do corpo, rejuvenescendo todo o nosso sêr, dotando-o com uma potência vitalizadora, extraordinária.

«O homem que renasce é aquele em cujo espírito se dá uma revolução completa pela maneira de conceber a vida através de um prisma inteiramente novo e desconhecido que o integrará na felicidade verdadeira.» Disse outro filósofo: «A pergunta: Como se pode ser feliz? equivale à pergunta: Como se pode ser bom?» Acrescentou outro: «A bondade é um tesoiro a que todos podem lançar a mão. Quem cultivar êsse tesoiro no maravilhoso jardim do Bem do próximo, terá cultivado todos os frutos da felicidade pela Bondade.»

Fica lançado nesta publicação o plano de uma obra de bondade. Ficam vossas terras ligadas pela Cruz e pela Flor de Lis, que simbolizam Fé e Virtude, ao lançamento dessa idéa. Por isso espero e creio que essas duas terras de condão serão as iniciadoras dessa obra, formando trindade com uma terceira terra que representa no meio

de ambas o coração de Portugal. Essa terra é a depositária dos sagrados despojos corporais de Santa Isabel. E' Coimbra, é a Minerva da Sabedoria e da Paz, sabedoria que se aprende nas cátedras e nas lições maravilhosas de sua empolgante e lírica paisagem, e Paz que nos ensina o Mondego em seu manso deslise, e a ramaria dos seus olivedos que são alegoria de Luz, de Paz e e abundância.

E como se em verdade a «Legião do Bem» fôra um lampejo espiritual do Coração de Santa Isabel, canonizado no culto do coração de Coimbra, será decerto êsse coração a peanha e o luzeiro da «Legião do Bem» que tomou por bússola a Cruz de Cristo enflorada pela Flor de Lis.

Foi essa Cruz dispensada outrora como sinal de glórias merecidas por feitos heroicos e altruistas, a alguns portugueses de mérito. Fizeram parte dessa legião alguns de meus antepassados. E essa mesma Cruz dos Pereiras, pertencentes ao ramo genealógico de Nuno Alvares Pereira, marcava os brazões de meu Pai, Sebastião Pereira Rebêlo Feio, ligado a êsse tronco heráldico. E era timbre de outros brazões de minha mãe, Catarina M. de Figueiredo Abreu Castelo Branco, a Flor de Lis de proveniência dos *Evreux*, da França.

Não cito êste facto para blasonar de gerarquias fidalgas: E' simplesmente para dar fôrça à aspiração e realização da «Legião do Bem», provando que é sincero o ideal humanitário e patriótico de quem descende de «Legionários do Bem» que foram heroicos, abnegados e filhos de boa árvore altruista.

E se, entre o ideal e a idealista, o pensamento e a obra, quiz Deus colocar o sagrado sinal da Cruz, êle será o sinal da vitória dizendo mais uma vez: *In hoc signo vinces* — «com êste sinal vencerás».

Outra esperança de vitória alcançará essa obra, abençoada por quem a ajudara a elaborar em vida e continuará a bemdizê-la em espírito para além da morte. Essa bênção está lançada nestas palavras de amor e suma bondade, escritas poucos meses antes da sua morte, pela eminente e saüdosa Senhora Dona Carolina Michaëlis de Vasconcelos:

A sua generosa actividade altruista, minha amiga, admiro-a, abençôo-a e desejo do coração que o mundo a reconheça e recompense.

Com um abraço, à pressa

Carolina Michaëlis de Vasconcelos

A publicação destas cartas de intuitos meramente patrióticos, de muito modesta apresentação, visto que se torna sempre difícil o dispêndio de obras de propaganda social, pelas quais o público nem sempre se interessa, foi feita desinteressadamente pela Tipografia Central, Limit.ª, de Leiria, com escritório na rua Mestre de Aviz, 22.

Num gesto bem digno da consideração geral, tomou esta firma a seu cargo o dispêndio de uma tiragem grande, por se tratar de levantar o prestígio da Pátria, exaltando as terras que teem lugar de relêvo na sua história e agitando idéas cristãs que abrem caminho às reacções do Bem e da Fraternidade.

E se Leiria deve reconhecer êsse benefício, muito gratamente lho agradece o meu coração.

Cumpro também o dever de agradecer ao Senhor Tito de Sousa Larcher, erudito e bondoso Director da importante Biblioteca, Museu e Arquivo Distrital de Leiria, todas as atenções e informações que me dispensou sua benevolência e seus vastos e profundos conhecimentos históricos e scientíficos.

Aos proprietários do Hotel Leiriense agradeço o carinhoso cuidado com que me trataram no seu asseado e atraente hotel, onde estive doente e privada de comodidades a que fora de casa estamos sujeitos, mas que sua solicitude preencheu provando o carácter amorável e hospitaleiro dos Leirienses, de quem levo as mais gratas impressões.

Para terminar poèticamente, remato estas cartas com êste lindo canto da «Oração a Portugal» de que é autor o inspirado escritor e poeta Sr. Dr. Marques da Cruz, irmão do importante Leiriense Sr. António Marques da Cruz:

«Leão do Mar», Portugal
Meu canteiro sacrosanto
Com saüdade, riso e pranto,
Com um fado em cada canto
e uma audácia que vai bem...
Marujo alegre e bonito,
bemdito sejas, bemdito,
desde a Terra ao Infinito,
Para sempre, sempre; amen!...

BIBLIOTECA

A SEGUIR:

Os maiores Interêsses de Portugal e do Pôrto

Cartas ao Sr. Ministro da Instrução e aos Senhores Presidentes das Comissões Administrativas do Pôrto e de Portugal

Suicídios, Falência e Altruismo da Classe Comercial e Industrial

A morte de Arnaldo Rodrigues e os dominios do Materialismo

PEDIDOS Á

TIPOGRAFIA CENTRAL, LIMITADA

LEIRIA

A CAMINHO DA FELICIDADE

CIDADÃOS Portugueses, dai alimentos saudáveis ao vosso espírito, ao vosso coração e às vossas almas, aperfeiçoando-os pela leitura de bons livros. Poupai nos abusos de alimentação do corpo e comprai as boas obras de «Orison Marden» que constituem uma biblioteca completa para guiar nossas existências em rumo da felicidade. Também as de «Burste Ross» conteem no «Calendário da Felicidade» e «Catecismo da Felicidade» o segredo do renascimento espiritual.

OBRAS DE O. S. MARDEN

EDITADAS PELA CASA EDITORA

A. FIGUEIRINHAS

RUA DAS OLIVEIRAS, 71 A 87 — PORTO

A Alegria de Viver — Os Milagres do Amor — O Sucesso pela Vontade — Os Milagres do Pensamento — Atitude Vitoriosa — As Harmonias do Bem — O Corpo e o Espírito — O Empregado Excepcional — O Optimismo A Mulher e o Lar — Sê perfeito em tudo o que fizeres O Crime do Silêncio — No Caminho da Vida — A Escolha da Profissão — A Obra Prima da Vida — O Poder da Vontade — A Iniciação nos Negócios — Querer é Poder — Ajuda-te a ti mesmo — A Arte de Economizar e Poupar — O Caminho da Felicidade — O Aperfeiçoamento Industrial — Vozes animadoras.

TIPOGRAFIA CENTRAL
L I M I T A D A

ESCRITÓRIO — R. MESTRE DE AVIS, 22
OFICINAS — RUA JOSÉ ESTÊVÃO

L E I R I A

EXECUÇÃO RÁPIDA, PERFEITA E ECONÓMICA
DE TODOS OS TRABALHOS TIPOGRÁFICOS

LIVROS REVISTAS
JORNAIS

BILHETES DE VISITA

Envio imediato de orçamentos a quem no-los pedir, remetendo-nos modêlos e indicações de quantidades.

1 9 2 8
TIP. CENTRAL
LIMITADA
LEIRIA

biblioteca municipal barcelos
2930
Cartas patrióticas de Maria Feio ao senhor general